

## **SOBRE OS HÁBITOS DE MORAR E A ESTÉTICA DA CASA: ALGUNS ESTUDOS DE CASO EM MACEIÓ, AL**

*SOBRE LOS HÁBITOS DE VIDA Y ESTÉTICA DE LA CASA: ALGUNOS CASOS EN MACEIÓ, AL*

*ON THE LIVING HABITS AND THE AESTHETICS OF THE HOUSE: SOME CASE STUDIES IN  
MACEIÓ, AL*

Eixo temático 2 – O lugar da teoria da crítica e da história no projeto

### **Alice de Almeida Barros / autora**

Graduação em Arquitetura e Urbanismo, aluna do Programa de Pós-Graduação Mestrado em Dinâmicas do Espaço Habitado da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo na Universidade Federal de Alagoas

### **Maria Emília de Gusmão Couto / co-autora**

Graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Alagoas (1983), mestrado em Desenvolvimento Urbano pela Universidade Federal de Pernambuco (1997) e doutorado em Desenvolvimento Urbano pela Universidade Federal de Pernambuco (2002). Pós-doutora pelo Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro (2008). Profª da Faculdade de arquitetura e urbanismo da UFAL

**Resumo:** Este artigo discorre sobre o espaço de morar enquanto lugar onde diferentes hábitos são vividos pelo homem no cotidiano de sua vida, o objetivo principal é definir o conceito de hábitos de morar e assim compreender a relação do morador com a sua moradia, com cada cômodo que a compõe e os objetos que a preenchem. Propõe-se revelar como as atividades realizadas no interior da casa surgem, ganham densidade e enriquecem a experiência de vida no espaço doméstico. Observar as modificações físicas, no que se refere à estética da casa, conduz o trabalho para uma reflexão sobre aparência e funcionalidade, extraídos do entendimento de forma e função, respectivamente, elementos fundamentais da composição do projeto arquitetônico.

**Palavras-chave:** Casa. Hábitos de Morar. Estética Aparente e Funcional.

**Resumen:** Este artículo aborda el espacio habitable como un lugar donde los diferentes hábitos son experimentadas por los humanos en su vida cotidiana, el objetivo principal es definir el concepto de los hábitos de vida y así entender la relación del residente con su casa, con todas las habitaciones que componer y objetos que lo llenan. Propone a revelar cómo surgen las actividades dentro de la casa, ganar densidad y enriquecer la experiencia de vida en el espacio doméstico. Observar los cambios físicos en relación con la estética de la casa, lleva el trabajo para reflexionar sobre el aspecto y la funcionalidad, se extrae la comprensión de la forma y la función, respectivamente, los elementos fundamentales de la composición del diseño arquitectónico.

**Palabras-clave:** Casa. Hábitos de vida. Estética Aparente y funcional.

**Abstract:** This article discusses the living space as a place where different habits are experienced by humans in their daily life, the main objective is to define the concept of living habits and so understand the relationship of the resident with their housing, each room with the sets and the objects that fill it. Proposes to reveal how the activities inside the house arise, gain density and enrich the experience of living in the home. Note the physical changes as regards the aesthetics of the house, the work for driving a reflection on appearance and functionality, extracted understanding of form and function, respectively, key elements of the composition of architectural design.

**Keywords:** House. Living Habits. Aesthetics apparent and functional.

## HÁBITOS DE MORAR E A EXPERIÊNCIA ESTÉTICA

A relação de apego do indivíduo com sua casa se dá em diferentes níveis pensada a partir da utilização dos cômodos que a compõe. Há os espaços mais utilizados, com o qual se cria uma afeição maior, e os ambientes onde se permanece menos tempo. A permanência nos espaços depende da função que eles possuem e dos hábitos da família. Os hábitos cotidianos do morador, em cada parte de sua moradia, poderão responder as necessidades que surgem de modificar a casa, em suas características estéticas: forma e função. As alterações no uso dos cômodos com ampliação e redução de ambientes existentes e a criação de outros; e na aparência, podem ser reflexo dessa relação cotidiana do indivíduo com o espaço doméstico.

Este artigo trata de análise comparativa de três grupos de casas organizadas em condomínios, diferenciados por níveis de renda. A partir dos estudos de caso, apresenta-se um conceito de hábitos de morar, demonstrando-se que eles possuem papel fundamental na idealização do espaço arquitetônico e na maneira como as pessoas se utilizam e modificam este espaço. Os hábitos podem ser grandes responsáveis pelo desenho das habitações, de modo a interferir na manutenção tradicional de cômodos e na inserção de outros, de acordo com as necessidades da família. O trabalho pretende abordar os dois pilares bases que sustentam o estudo da arquitetura: forma e função, inseridos no conceito da estética da casa em duas vertentes, estética funcional e estética aparente, e assim expor a importância da crítica arquitetônica e da aplicação das teorias estéticas na arquitetura com interfaces entre as experiências vividas, frutos da relação ambiente/comportamento humano.

Os resultados do trabalho foram alcançados após a execução da pesquisa de campo, e para sua realização foi necessário definir a cidade e os espaços residenciais a serem estudados. Maceió, objeto empírico desta investigação, possui uma diversidade de espaços construídos para a população habitar (conjuntos habitacionais, loteamentos, edifícios de apartamentos, condomínio, favela), se caracterizando num lugar rico para se realizar observações e estudos. Foi necessário fazer um recorte espacial para as pesquisas no que se referem aos perfis

dos moradores, suas características sociais e econômicas, e seus locais de moradia, casa ou apartamento, pertencentes ou não a conjuntos residenciais.

Diante da realidade de um grande número de aglomerados residenciais construídos na capital alagoana, voltados para diferentes perfis socioeconômicos da população e a intensa procura por este modelo de moradia, optou-se por estudar casas inseridas em conjuntos residenciais (com ou sem limitação por muro). Conjuntos pertencentes às três faixas de renda econômica (baixa, média e alta) de modo a identificar os hábitos dos moradores, como eles influenciam na estética da casa, criação e forma de ocupar os ambientes, destacando diferenças e semelhanças entre as maneiras de habitar.

## CASA, HÁBITOS E CONCEITOS

A casa vai além da estrutura física que combina piso, paredes e teto, ela é a extensão da vida de quem nela habita. A moradia é onde o indivíduo passa a existir, onde pode abrigar-se e realizar diferentes ações, é um lugar significativo e que desperta a sensação de pertencimento, “pertencemos muito mais às nossas casas do que elas nos pertencem” (BRANDÃO, 2002, p.32). A casa é o primeiro espaço construído que o homem habita, onde sua personalidade é formada, se relaciona com sua família e vivencia diferentes experiências e hábitos em seu interior: comer, dormir, tomar banho, fazer refeições, assistir televisão, utilizar os equipamentos da cozinha etc.

A casa da gente é antes de tudo o lugar em que a gente se sente em paz onde se repetem dia a dia os gestos elementares da arte de fazer. É um lugar próprio que, por definição, não poderia ser o lugar de outrem (CERTEAU, 1998, p. 203).

A casa em nada se parece com um lugar qualquer, pois possui uma importância bem particular na vida humana, serve a uma gama de propósitos, aos quais podem ser atribuídos valores, tanto tangíveis e quantificáveis, tais como: valor econômico, de troca, de uso; como outros que não são quantificáveis de forma direta; como o valor sentimental, valor estético e o valor simbólico. Cada indivíduo possui sua própria opinião a respeito da relação que mantém com sua moradia e o significado que ela adquire depende da história de vida construída no lugar de morar. A casa contém em si múltiplas composições de ambientes, objetos e indivíduos, muitas

destas composições não são formadas apenas no interior da moradia, elas se conectam ao exterior; as pessoas, as relações humanas, lembranças, acontecimentos vividos que nascem na casa transbordam e alcançam diferentes lugares: de estudo, trabalho, lazer, outras habitações.

No espaço privado da casa o indivíduo se enxerga como um e como parte de um grupo familiar “foi dentro do espaço doméstico que os indivíduos conquistaram o direito de ter uma vida privada autônoma” (PROST; VINCENT, 1992, p.61). Quanto mais a sociedade cresce e se expande mais existe a necessidade de buscar um lugar para viver a vida privada e abrigar tudo àquilo que é importante; proteger a família e os bens, daqueles que ameaçam. Ter uma moradia é parte fundamental da vida humana, um espaço de privacidade onde o indivíduo se abriga dos olhares estranhos, a habitação é este lugar de proteção e acolhimento necessários para a realização de atividades e hábitos, “o homem precisa gozar de uma intimidade, de um isolamento dos outros por um certo número de horas diárias, e sob esse aspecto a casa enquanto refúgio é uma necessidade” (NETTO, 1997, p.34).

É a busca por um lugar para viver a intimidade que torna a casa (Figura 01) um objeto de desejo, onde cada indivíduo pode sentir-se a vontade para realizar as atividades mais privadas que o corpo e a mente pedem, sem a necessidade de ser visto, analisado ou julgado. A moradia tem esse papel de proteger: “aqui o corpo dispõe de um abrigo fechado onde pode esticar-se, dormir, fugir do barulho, dos olhares, da presença de outras pessoas, garantir suas funções e seu entretenimento mais íntimo” Certeau (1996, p.174).

Figura 01: A casa de cada um.



Fonte: Foto realizada por Alice Barros, março 2013.

Os gestos íntimos e privados dos indivíduos adquirem expressão em seus modos de vida e de morar que surgem da diversidade social, econômica e cultural pela qual o ser humano passa no percurso do tempo, influenciando o lugar no qual habita. A casa retrata momentos históricos vividos pelo homem, estes influenciam a organização dos ambientes, a maneira de ocupá-los, os objetos presentes, os laços afetivos vividos, a composição familiar, dentre os principais aspectos a serem destacados.

A respeito da organização interna da moradia do século XX, a casa era dividida claramente em três setores: íntimo, social e de serviço. O setor íntimo composto de banheiros e quartos; salas e cozinha faziam parte do setor social e o serviço se referia à área de permanência para atividades domésticas, tais como lavar e passar roupa, espaço reservado para empregada doméstica nas casas de família abastadas. Nos últimos vinte anos do século XX, a casa foi influenciada por todas as composições anteriores de moradia; os espaços residenciais continuam sendo construídos com os ambientes necessários para uma vida doméstica plena, salas (estar, jantar, TV), cozinha, área de serviço, quartos e banheiro.

Ao adentrar o século XXI novos modos de vida surgem, sobretudo nas grandes cidades, o chamado modo de vida metropolitano, incluindo a volta do trabalho em casa, eventualmente conectado a alguma rede de transmissão de informações (internet), o culto ao próprio corpo, as preocupações de caráter ambiental (sustentabilidade), o super-equipamento do espaço doméstico. Esta maneira de viver propaga-se através dos meios de telecomunicação a partir das grandes cidades do mundo em direção a comunidades menores (TRAMONTANO, 2012). No modo de vida contemporâneo, o perfil da família, além do tradicional, ganha novos formatos: casais divorciados onde um dos cônjuges mora com os filhos do casal, uniões livres (casais sem vínculos legais), casal sem filhos, família reconstruída (nova união conjugal após divórcio), família homossexual (casal de pessoas do mesmo sexo) com ou sem filhos, pessoas vivendo sós.

As mudanças da moradia nas diferentes maneiras de morar (apartamento e casa em condomínio fechado, por exemplo) e os indivíduos enfrentando alterações em sua estrutura social (composições familiares, por exemplo) tornam a casa um lugar cada vez mais necessário e desejado. O século XXI é palco da vida de um indivíduo

autônomo, formador de diferentes grupos familiares em busca de uma moradia que compatibilize suas necessidades e condição econômica. Um homem capaz de se comunicar pelas redes virtuais, que tem seus hábitos modificados em meio à dinâmica do mundo globalizado, trabalha em casa, se alimenta nos espaços públicos, utiliza o mesmo lugar para realizar diferentes atividades.

A casa pode ser entendida como uma construção cultural de um meio social, cuja configuração depende primordialmente dos hábitos vividos no seu interior, os quais são determinados pelas características dos comportamentos sociais consolidados numa época. A partir do entendimento dos hábitos, dos valores e, portanto, da cultura e dos comportamentos sociais sobre um recorte temporal, pode-se compreender com maior abrangência o objeto arquitetônico de maior influência na vivência humana – a casa. Segundo Bachelard (1978): “antes de ser ‘atirado no mundo’, (...) o homem é colocado no berço da casa. E, sempre, em nossos devaneios, a casa é um grande berço” (p. 200).

O termo latino *habitus*, que deu origem à palavra hábito, designa circunstância, condição, estado, quando se tem uma série de atos ligados, necessariamente a uma existência, que são repetidos no cotidiano, estes ganham a dimensão de hábitos. A vida do homem é repleta de atividades que ele realiza em diferentes momentos, individualmente, em comunidade e sociedade, são necessários para a sobrevivência biológica (comer, dormir, por exemplo) de sua espécie (reprodução, por exemplo) e social (relacionamento com os outros indivíduos). Cada indivíduo possui um comportamento particular que estará refletido no seu lugar de moradia, na forma como organiza os ambientes, os objetos presentes, a casa passa a ser espelho da personalidade dos moradores e palco de suas experiências com este espaço, assim os indivíduos se reconhecem nela.

Sobre a experiência Yi Fu Tuan (1983, p.9) diz que: “experiência é um termo que abrange as diferentes maneiras através das quais uma pessoa conhece e constrói a realidade, estas maneiras variam desde os sentidos mais diretos e passivos como o olfato, paladar e tato, até a percepção visual ativa”. Para experienciar um espaço segundo o sentido ativo que Tuan expõe, é necessário aventurar-se no desconhecido e experimentar o ilusório e o incerto. Somente assim a experiência com o lugar será íntima e completa, esta relação de entrega total permite que o

contato vá além do físico, do visual e capte toda a potencialidade de emoções que o espaço transmite para o indivíduo. “O homem, como resultado de sua experiência íntima com seu corpo e com outras pessoas, organiza o espaço a fim de conformá-lo às suas necessidades biológicas e relações sociais” (TUAN, 1983, p.39). São as experiências vividas na casa que constroem os hábitos de morar.

Os hábitos de morar são atividades realizadas no interior da casa, são reflexos da experiência do homem com sua moradia, os usos e costumes vividos no espaço privado da casa, devido à dinâmica da vida humana, na medida em que se modificam os perfis familiares, os momentos de vida, as condições socioeconômicas, o padrão cultural, os hábitos também sofrem modificações visando se ajustar aos modos de viver da família. A expressão “Hábitos de morar” pode ser definida com as palavras de Michel de Certeau (1996, p.205): “são gestos indispensáveis aos ritmos do agir cotidiano”. Eles fazem parte do convívio diário dos indivíduos e influenciam a maneira como se vive dentro de casa, os usos que se faz do espaço doméstico no cotidiano. De acordo com Pallasmaa (2011, p.60) “a experiência do lar é estruturada por atividades distintas – cozinhar, comer, socializar, ler, guardar, dormir, ter atos íntimos”, estas atividades são alguns dos exemplos de hábitos de morar que acontecem no cotidiano.

Segundo Ana Fani Carlos (2007, p.93) “o cotidiano se apresenta como o lugar dos gestos repetitivos e da uniformidade e homogeneidade de hábitos, formas de uso, comportamento, valores, etc.” Cada pessoa pode organizar e planejar sua vida cotidiana construindo uma rotina, porém as incertezas da vida humana estarão presentes cada dia. Segundo Agnes Heller (2008, p.31):

A vida cotidiana é a vida do homem interior; ou seja, o homem participa na vida cotidiana com todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade. Nela, colocam-se “em funcionamento” todos os seus sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões, ideias, ideologias.

Na cotidianidade há momentos nos quais a que a casa se conecta ao mundo, através de relações reais (vizinhança) e virtuais (computador) os indivíduos vão além do espaço interior da moradia e a relação amplia para o exterior, as atividades vividas dentro da habitação, os hábitos construídos no dia a dia passam a dialogar com o exterior extrapolando os limites físicos da casa. Com isso a relação entre espaço interior e exterior, o que é privado e público, se destaca no momento em que

os hábitos passam a não ter um lugar fixo para acontecer, atividades realizadas na privacidade podem agora alcançar maior publicidade.

As mudanças ocorridas nos hábitos antes reclusos à privacidade do lar têm como exemplo: as refeições que são intensamente feitas em restaurantes, *shopping centers*; utilizar a academia para o banho; realizar atividades profissionais dentro de suas casas através do uso computador, por exemplo; contatos sociais através de redes de relacionamento virtuais, etc. A intensidade do uso de computadores (Figura 7) e suas ferramentas: sites, blogs, jogos, compras online, redes sociais e profissionais, podem transformar o uso dos ambientes, quarto e escritório, por exemplo, em espaços muito utilizados e de longa permanência, por crianças, jovens e adultos. O hábito de usar computador possibilita que atividades profissionais e de lazer aconteçam no interior da habitação, fazer compras, conversar com amigos, assistir filme e concertos musicais, por exemplo, podem ser reduzidos a tela de um computador. Para Ludmila Brandão, 2002, p.65:

As funções dentro da casa não preexistem e nem são determinantes. Até porque elas são móveis, transformáveis. Isso é visível atualmente nas grandes cidades: a derrocada da família como instituição é acompanhada de uma mudança nos espaços domésticos. Mora-se cada vez mais só. As divisões internas da antiga casa não mais são necessárias: dormir, fazer sexo, comer, até mesmo fazer a higiene, não exigem mais paredes internas. Come-se na rua, o sexo pode ser feito nos motéis, enquanto o trabalho é cada vez mais produzido em casa. Por outro lado os meios de comunicação trazem o mundo para dentro.

A compreensão de que os hábitos surgem do comportamento humano em meio ao ato de habitar, acredita-se que a casa seja o espelho das ações humanas, parece existir uma identificação do indivíduo com o lugar onde mora e que se reflete nos seus aspectos funcionais e formais, os dois principais elementos geradores da expressão da obra de arquitetura: a forma e a função. Diante disto, pretende-se refletir a respeito da estética funcional e de aparência da casa enquanto reflexo dos hábitos de morar.

Há um perfil de habitação que abriga os ambientes básicos às necessidades humanas: sala, quarto, cozinha e banheiro. As pequenas dimensões dos cômodos, diante da infinidade de atividades realizadas dentro da casa, geram uma superposição de funções, por exemplo, numa mesma sala é possível receber convidados, assistir TV e fazer refeições. Sobre as práticas dentro do espaço



privado da casa Michel de Certeau (1996, p.205) afirma: “a diversidade dos lugares e das aparências nem se compara à multiplicidade das funções e das práticas de que o espaço doméstico é ao mesmo tempo o cenário próprio para mobiliar e o teatro de operação”.

## OS HÁBITOS E A ESTÉTICA DA CASA

Estética pode ser definida como a ciência que aborda o conhecimento sensorial de um determinado objeto e visa a apreensão do belo, para Alexander Baumgarten “o fim visado pela estética é a perfeição do conhecimento sensitivo como tal. Esta perfeição, todavia é a beleza” (1993, p.99). A beleza constitui um resultado (uma consequência) da existência de um objeto, ela reside num ente (sensível) que espelha a essência humana (inteligível), “o homem identifica essa essência humana como o próprio bem: a obra de arte é bela porque ela é a expressão sensível do bem” (PULS, 2006, p.43).

O que caracteriza imediatamente um objeto como belo são suas peculiaridades formais, expressas em sua aparência, elas são apreendidas de diversas formas por cada indivíduo que o observa. A personalidade e o estado emocional daquele que contempla o objeto interferem na maneira como o indivíduo percebe sensível e intelectualmente a obra. Segundo Holanda, 1990, p.81:

Os objetos belos nos atingem diferenciadamente, em função de nossas predisposições individuais. (...) Nossa emoção estética tem três origens possíveis (separáveis apenas analiticamente): na predisposição do nosso aparelho perceptivo, nos valores culturais dentro dos quais se deu nossa socialização, e em nossa estrutura psicológica pessoal (nossa personalidade individual).

O contemplador só considera belas as construções que espelham seu mundo, a beleza varia de acordo com a perspectiva de cada um. “A beleza seria universal se o contemplador fosse a essência comum a todos os homens. Mas não é: cada um sente o objeto de uma maneira determinada por sua inserção no mundo” (PULS, 2006, p.38). Surge assim a discussão sobre o gosto estético, devido o fato de que, a preferência de cada indivíduo determina suas escolhas diante de um objeto estético. Segundo Roger Scruton (2010) a definição do gosto é gerada pela conexão entre a experiência, preferência e pensamento. Inicialmente experimenta-se um objeto para

então ser tomada uma decisão, a preferência, baseada em uma reflexão do pensamento.

Podemos ver a aquisição de gosto da seguinte forma, como edificado por sucessivas camadas de escolha sensível e intelectual. Certas formas atraem-nos – escolhemo-las de preferência a outras – e este fenômeno é primitivo no sentido em que não há inicialmente uma razão para o fazermos, embora, como vimos, a experiência que determina a nossa preferência. Começamos por procurar essas razões e, enquanto o fizemos, daremos um significado às nossas formas escolhidas (p.205).

A experiência estética é a ação de experimentar (sentir, utilizar) um objeto, este ato gera um estado afetivo que pode ser de agrado e prazer suscitado pela apropriação subjetiva de um objeto da natureza ou criado pelo homem, por isso, para Kant (1790) a experiência estética é de pura contemplação, livre de qualquer forma interessada de relação com os objetos, da consideração de vantagens ou desvantagens, da subordinação a desejos sensoriais ou conceitos morais, políticos ou religiosos. Segundo Roger Scruton (2010, p.119) “o prazer da experiência estética é inseparável do acto da atenção em relação ao seu objecto: não é o tipo de prazer característico da mera sensação”.

A experiência estética entre o homem e uma obra arquitetônica é enriquecida a partir das características que compõe a edificação, aspectos aparentes e funcionais que podem ser somente observados, assim como utilizados no momento de usufruir a construção. De modo algum, porém, se pode concluir que pode haver experiência estética sem o contato ativo com o objeto real, representado ou ideal.

Há a tentação de pensar que a compreensão estética, sendo contemplativa, tem de ser também passiva, uma espécie de perda do eu na experiência, em detrimento da actividade. Pelo contrário, a ocupação estética implica precisamente transformar a própria experiência em algo de activo (SCRUTON, 2010, p.242).

O prazer estético será tão mais intenso, quanto mais ampliadas as sensações e as capacidades que surgem na apreciação física e visual de uma obra artística; a arquitetura, considerada neste trabalho uma obra de arte criada pelo homem, é capaz de despertar este prazer em sua materialização como lugar utilizado para determinado fim. Segundo Maurício Puls (2006, p.12) “o prazer estético surge no contato direto do indivíduo com seu habitat, pois o homem não só contempla a obra de fora, mas vive dentro dela, é o núcleo mesmo da construção”. O prazer estético provém das propriedades efetivas da obra (seu uso) e de suas propriedades

aparentes (o que é percebido). Segundo Roger Scruton (2010, p.79), o prazer estético não é imediato à maneira dos prazeres dos sentidos (tato, visão, etc.), mas é dependente de, e afetado por, processos do pensamento (compreensão intelectual).

Estudar a estética da casa é compreender a essência do espaço arquitetônico: a relação íntima entre forma e função, esta relação estaria incompleta sem a participação do homem, enquanto elemento transformador destas duas dimensões da arquitetura, incorporando fatores simbólicos e afetivos no momento de seu envolvimento com o lugar onde habita. É parte desta pesquisa, revelar as reações estéticas provocadas pelos hábitos de morar na funcionalidade e aparência da moradia, pois acredita-se que os hábitos sejam ações, executadas no espaço doméstico, capazes de intervir na modificação de tais aspectos, influenciando na estética da edificação.

Qualquer indivíduo pode perceber que um prédio não se parece com um homem, mas o homem é capaz de notar que certas construções refletem a sua imagem. O edifício nada mais é que o lugar do homem no mundo, o espaço aberto pelo sujeito no entorno material que o envolve (PULS, 2006, p.13).

O prédio não existe unicamente como objeto para a reflexão, mas como objeto para a vida: ele constitui um bem, com um valor-de-uso material, e se torna portador de um significado, adquirindo um valor-de-uso ideal. A principal dificuldade para compreender o objeto da arquitetura resulta da confusão entre a percepção cotidiana do edifício pelo usuário (a acolhida tátil) e a percepção aparente do mesmo pelo contemplador (a acolhida visual). Assim surge a importância de compreender duas formas de perceber a arquitetura, enquanto objeto de contemplação, cujo foco principal é a aparência, e como objeto funcional, com a atenção voltada para sua utilização. O ponto de partida para estudar a percepção do morador diante de sua casa é compreender a maneira como o indivíduo apreende seu lugar de morar: a acolhida tátil e visual.

Na acolhida tátil, a construção é percebida como um bem, um valor-de-uso material que satisfaz nossas necessidades corporais. Na acolhida visual, o edifício é percebido como um signo, um valor-de-uso ideal que nos comunica algo sobre o homem e seu mundo (PULS, 2006, p.17).

Segundo Walter Benjamin existem duas maneira de apreender um edifício, em sua aparência e funcionalidade, a acolhida visual requer a contemplação, a

observação do objeto e a acolhida tátil é determinada pelo hábito, pela convivência diária com o mesmo. Na primeira, a construção é apreendida em sua estética aparente na segunda em sua estética funcional. O nosso contato com a arquitetura teria sido, pois, desde sempre, eminentemente tátil, isto é, “pragmático, criando hábitos que liberam nossa atenção, mantida sem esforço, basicamente descontínua, superficial e difusa, em oposição ao que seria uma recepção ótica, contemplativa, atenta, polarizada” (PULS, 2006, p.515).

Neste trabalho, a acolhida tátil de uma obra arquitetônica resulta na percepção da estética funcional (Figura 02) da mesma, ou seja, é perceber a maneira como é utilizada, a dimensão e disposição de ambientes e assim compreender a funcionalidade da edificação.



Fonte: <http://www.elkras.org> Acesso em agosto 2013.

A acolhida visual resulta na percepção da arquitetura em sua estética aparente (Figura 3): composição formal exterior (fachadas e volumetria), configuração interior (disposição de mobiliário e objetos), materiais (madeira, concreto, vidro, etc.), textura (liso, rugoso, fosco, luminoso, etc.) e cores (preto, branco, verde, etc.) utilizados na edificação.

**Figura 03: Observando a Estética Aparente.**

Fonte: <http://www.elkras.org> Acesso em agosto 2013.

A estética funcional e aparente (Figura 4) podem ser ambas apreendidas no momento em que se adentra a edificação e cada ambiente é particularmente vivenciado. É possível observar a configuração do mobiliário no espaço (estética aparente) e a utilização do cômodo e dos objetos que o preenchem (estética funcional). Analisar juntamente uma edificação em sua estética funcional e aparente permite ir além da aparência e entender o uso que se faz de um lugar, desvendando as reações estéticas que a arquitetura é capaz de despertar no momento de sua materialização no espaço.

**Figura 04: Estética Funcional e Aparente**

Fonte: <http://www.elkras.org> Acesso em agosto 2013.

Na execução da pesquisa empírica com aplicação do instrumental metodológico, a intenção é captar do morador as duas formas de apreensão de sua moradia: a funcional e aparente. Assim será possível apreender esteticamente as moradias, do ponto de vista de sua funcionalidade, utilização de cômodos e objetos,

e da aparência, plástica da casa com sua forma, cores, materiais e disposição dos objetos. A pesquisa terá como foco de estudo o interesse estético diante das casas, Roger Scruton (2010, p.209) explica este interesse:

Ter um interesse estético num edifício é prestar-lhe atenção em toda a sua plenitude, vê-lo não em termos de funções estreitas e predeterminadas, mas em termos de todo significado visual que terá. (...) Como qualquer acto de atenção, pode existir mais ou menos intensamente, mais ou menos completamente, em qualquer momento e em qualquer estado de espírito. (...) mas seja qual for o grau de atenção estética exercido terá como objectivo abarcar o significado e a interdependência de cada parte e aspecto do que é visto.

Somente a partir da experiência entre o indivíduo e seu lar será possível compreender o sentido estético em sua abrangência, relacionando-o aos hábitos de morar, é parte fundamental, deste artigo, revelar a reação estética provocada pelos hábitos de morar na casa.

## INSTRUMENTAL METODOLÓGICO

Maceió, objeto empírico desta pesquisa, localiza-se à Leste do estado de Alagoas na região Nordeste do Brasil, segundo o censo do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), publicado no Diário Oficial da União em novembro de 2010 (IBGE, 2012), a capital alagoana possui mais de 917 mil habitantes distribuídos em 50 bairros. Os condomínios residenciais horizontais são os escolhidos como amostra, devido à intensa procura por tais perfis habitacionais por uma grande parcela da população, pertencentes às diferentes faixas de renda socioeconômica. Esses condomínios ocupam as chamadas áreas que segundo Coelho Netto, passam a ser suprassemantizadas e adquirem significados para diversos grupos de indivíduos.

Para realizar a pesquisa aplica-se a teoria das Classificações Múltiplas, também conhecida como MSP (Multiple Sorting Procedure), desenvolvida inicialmente por Canter, Brown e Groat (1985), acredita-se que esta metodologia é uma alternativa adequada, pois os procedimentos elaborados tentam assimilar do indivíduo sua opinião, através de qualidades percebidas, ideias, pensamentos e imagens por ele categorizados, a partir dos elementos fornecidos. Este método tem sido largamente utilizado, sobretudo por permitir que se examine o conteúdo gerado pelas escolhas individuais ou coletivas no momento de suas respostas às questões dadas.

## Residencial Aldeia do Vale

Localizado no bairro da Serraria o acesso ao Residencial Aldeia do Vale (Figura 05) se dá pela Avenida Getúlio Vargas, é um conjunto de casas fechado, limitado por muros e com acesso controlado por uma guarita com porteiro, são 70 lotes dispostos na área de domínio do residencial, alguns destes lotes encontram-se vazios ou com casas em construção. Quinze moradias foram visitadas e quinze pessoas foram entrevistadas e responderam as perguntas contidas no instrumental metodológico, a escolha deste conjunto habitacional se deu pelo padrão econômico de suas moradias, compatíveis com a renda mensal das famílias que nelas habitam.

Figura 05: Casas do Residencial Aldeia do Vale.



Fonte: Foto realizada por Alice Barros, novembro 2012.

Na descrição dos dados pessoais foi possível traçar o perfil dos moradores do Residencial Aldeia do Vale, a renda familiar aproximada de todas as famílias ultrapassa o equivalente a cinco salários mínimos, ou seja, acima de R\$3.000,00 reais. Os entrevistados responderam sobre as vantagens de morar em casa, não apartamento, por oferecer: maior espaço, conforto e privacidade. Doze dos quinze moradores entrevistados são casados e junto com o cônjuge são os proprietários da casa e moram com os filhos, três moram com os pais e parentes. Todas as casas visitadas encontram-se na situação de quitadas.

Os moradores do Residencial Aldeia do Vale responderam a respeito da composição da casa, quantos e quais cômodos a moradia possui. Os ambientes comuns às quinze casas visitadas são: sala de estar, sala de TV, sala de jantar, quartos, suíte, gabinete, despensa, lavabo social, área de serviço, cozinha, closet na suíte do casal, área de lazer com churrasqueira, dependência de empregada. Todas as casas

possuem dois pavimentos, segue abaixo a planta baixa que ilustra o perfil das moradias visitadas.

### **Residencial Bosque da Serraria**

Localizado no bairro da Serraria o acesso ao Residencial Bosque da Serraria (Figura 06) se dá pela Avenida Menino Marcelo, é um conjunto sem delimitação feita por muros e seu acesso não é controlado por guarita com porteiro. O Bosque da Serraria apresenta somente casas e existe a pouco mais de trinta anos, durante a pesquisa de campo foram quinze moradias visitadas e quinze pessoas foram entrevistadas e responderam as perguntas contidas no instrumental metodológico.

**Figura 06: Casas do Residencial Bosque da Serraria.**



Fonte: Foto realizada por Alice Barros, novembro 2012.

No que se refere à apresentação dos dados pessoais, foi possível traçar o perfil dos moradores do Residencial Bosque da Serraria, a renda mensal aproximada de todas as famílias parte de três até mais de cinco salários mínimos, ou seja, de R\$ 1.800,00 reais até mais de R\$3.000,00 reais. Os entrevistados sempre moraram em casa e não pretendem mudar a forma de moradia, pois estão satisfeitos, eles possuem o espaço, conforto e privacidade de que necessitam.

Os moradores do Residencial Bosque da Serraria responderam sobre a composição de suas casas, quantos e quais cômodos a moradia possui, e constatou-se que os ambientes comuns às quinze casas visitadas são: sala de estar, sala de TV, sala de jantar, quartos, suíte, lavabo social, área de serviço e cozinha, todas as habitações



visitadas são térreas, onde todos os cômodos são dispostos num único nível. Segue abaixo a planta baixa esquemática que resume o perfil das moradias visitadas.

### **Condomínio Jardim Tropical**

Localizado no bairro Cidade Universitária, o acesso ao Condomínio Jardim Tropical (Figura 07) se dá pela Rua Frei Damião de Bozano, este aglomerado residencial é delimitado por muros e seu acesso é controlado por guarita com porteiro, foi o primeiro empreendimento do programa Minha Casa, Minha Vida em Maceió, inaugurado em dezembro de 2010 (ASCOM CEF/AL, 2010). Apresenta 600 casas e quinze delas foram visitadas, em cada moradia, um morador foi entrevistado, todos os participantes responderam as perguntas contidas no instrumental metodológico.

Na etapa do instrumental metodológico que apresenta os dados pessoais dos moradores do Condomínio Jardim Tropical, foi possível obter respostas sobre renda, estado civil, nível de escolaridade e composição da casa. A renda familiar aproximada de todas as famílias chega até três salários mínimos, ou seja, atinge o valor de pouco mais de R\$ 1.800,00 reais, os entrevistados sempre moraram em casas isoladas e estão satisfeitos com a nova vida em um conjunto habitacional fechado, eles possuem o espaço para lazer (quadra de esportes, salão de festas, circuito para caminhada, brinquedos para os filhos), conforto e privacidade de que necessitam.

**Figura 07: Casas do Condomínio Jardim Tropical.**



Fonte: Foto realizada por Alice Barros, novembro 2012.

No Condomínio Jardim Tropical a moradia é padrão dentro do conjunto, é um modelo de habitação com os mesmos cômodos, dispostos igualmente em planta baixa e as dimensões são também padronizadas, os ambientes que a compõe são:

sala única, dois quartos, um banheiro, cozinha e quintal. Segue abaixo a planta baixa original das habitações.

## RESULTADOS OBTIDOS

Os moradores do Residencial Aldeia do Vale, participantes da pesquisa, são de uma classe socioeconômica alta e o padrão de suas casas corresponde às condições privilegiadas de seus proprietários. Todas as moradias foram projetadas por arquitetos e o projeto arquitetônico seguiu as necessidades da família, com os ambientes considerados essenciais para a realização dos hábitos de morar. Tais hábitos interferiram diretamente na estética funcional da casa, quantidade e disposição dos cômodos, além de salas, quartos, suítes, banheiro, cozinha e área de serviço, as casas possuem quarto de hóspede, gabinete, dependência de empregada e área de lazer (churrasqueira e/ou piscina). Os proprietários identificam-se com a estética aparente de suas moradias, forma, cor e textura, pois participaram do processo criativo junto ao arquiteto.

No que se refere especificamente aos hábitos de morar, as famílias realizam dentro de suas casas atividades tais como: fazer refeições, repouso, banho, assistir TV, usar computador para estudo e trabalho. O papel da secretária do lar é intenso nas dez casas visitadas, ela é quem prepara todas as refeições durante a semana. Os moradores que trabalham, realizam uma das refeições fora de casa, o almoço. Nos fins de semana a família frequenta restaurantes, casa de amigos ou parentes onde fazem as refeições. O gabinete é um espaço utilizado para o trabalho e possui computador para diferentes atividades e um dos quartos presente em todas as casas também possui computador para utilização dos filhos. Para todas as famílias a parte da casa mais importante é a sala de TV, é o lugar de reunião familiar, onde há momentos de descontração e diversão da família.

O Residencial Bosque da Serraria abriga um grande número de moradias e a maioria delas foi construída há mais de trinta anos, as dez casas visitadas estão entre as mais antigas, seus proprietários possuem uma relação afetiva de décadas com suas residências. As casas visitadas possuem em comum: salas (TV, estar e jantar), quartos, cozinha, banheiros, área de serviço; todas elas já passaram por várias reformas em sua estética funcional e aparente ao longo dos anos, com a

participação direta do morador como idealizador das mudanças. Cada moradia é considerada ideal para seus donos, pois eles fizeram parte de cada alteração realizada em sua estrutura física e na aparência, não foi um projeto único, aos poucos se tornou a casa dos sonhos, com ambientes e objetos que respondem as necessidades e hábitos de seus moradores.

Os hábitos de morar dos participantes da pesquisa, no Bosque da Serraria, são os próprios do espaço doméstico: fazer refeições, cozinhar, limpar e organizar, repousar, estudar, utilizar computador, assistir TV. As refeições realizadas em casa diariamente são preparadas pelos próprios moradores, não há funcionária doméstica e com isso não há dependência de empregada em nenhuma das moradias. A cozinha é um espaço de longa permanência por ser o lugar onde se prepara as refeições e a família se reúne para saboreá-las. O computador localiza-se nos quartos em todas as casas visitadas e é intensamente utilizado pelos filhos dos proprietários. Para todas as famílias a parte da casa mais utilizada é a sala de TV, assistir filmes, esportes e programas de entretenimento é um hábito que agrega os moradores principalmente no período noturno.

De acordo com a renda familiar mensal, os entrevistados no Condomínio Jardim Tropical, fazem parte da classe socioeconômica baixa e a possibilidade que encontraram de ter uma casa própria foi com a participação do Programa “Minha Casa, Minha Vida” do Governo Federal, que financia casas de acordo com as condições financeiras das famílias. As moradias possuem: dois quartos, sala única, banheiro, cozinha e quintal; é um modelo padrão, com a mesma estética funcional e estética aparente externa também padronizada. São os móveis e organização de objetos que permitem que cada moradia adquira uma aparência interna particular compatível com a personalidade de seus moradores.

Dentre os hábitos de morar vividos pelos moradores do Condomínio Jardim Tropical, que participaram da pesquisa, estão: fazer refeições, cozinhar, limpar e organizar, repousar, estudar, utilizar computador, assistir TV. Aqueles moradores que trabalham fora de casa almoçam próximo ao local de trabalho, as demais refeições são preparadas por eles no espaço doméstico. A cozinha é um ambiente de longa permanência por ser o lugar onde se prepara as refeições e acontece a reunião da família, assim algumas das casas já tiveram suas cozinhas ampliadas para maior

conforto. A sala de TV é o ambiente mais utilizado e mais importante para os moradores, lugar que a família se reúne.

## PALAVRAS FINAIS

Os moradores do Residencial Aldeia do Vale, participantes da pesquisa, estão inseridos em uma faixa de renda socioeconômica alta e o padrão de suas casas corresponde às condições privilegiadas de seus proprietários. Todas as moradias foram projetadas por arquitetos o que caracteriza o perfil das habitações presentes no Residencial Aldeia do Vale como **“Casa personalizada para o morador”**. O projeto arquitetônico seguiu as necessidades da família, com os ambientes considerados essenciais para a realização dos hábitos de morar. Tais hábitos interferiram diretamente na estética funcional da casa, quantidade, disposição dos cômodos e a maneira como são utilizados. Além de salas, quartos para o casal e cada um dos filhos, banheiros em todos os quartos compondo as suítes, banheiro social, cozinha e área de serviço, as casas possuem quarto de hóspedes, gabinete, dependência de empregada e área de lazer. O que torna suas casas um espaço completo para abrigar a família, os visitantes e os funcionários domésticos (babá e jardineiro, por exemplo).

O Residencial Bosque da Serraria abriga um grande número de moradias e a maioria delas foi construída há mais de trinta anos, as quinze casas visitadas estão entre as mais antigas, seus proprietários possuem uma relação afetiva de décadas com suas residências. As casas visitadas possuem em comum: salas (TV, estar e jantar), quartos, cozinha, banheiros, área de serviço; todas elas já passaram por várias reformas em sua estética funcional e aparente ao longo dos anos, com a participação direta do morador como idealizador das mudanças de acordo com os hábitos da família, o perfil das habitações é: **“Casa construída pelo próprio morador”**. Cada moradia é considerada ideal para seus donos, pois eles fizeram parte de cada alteração realizada em sua estrutura física e na aparência, não foi um projeto único, aos poucos se tornou a casa dos sonhos, com ambientes e objetos que respondem as necessidades e desejos de seus moradores.

De acordo com a renda familiar mensal, os entrevistados do Condomínio Jardim Tropical, fazem parte da faixa socioeconômica baixa e a possibilidade que encontraram de ter uma casa própria foi com a participação do Programa “Minha Casa, Minha Vida” do Governo Federal, que financia casas de acordo com as condições financeiras das famílias. As moradias possuem: dois quartos, sala única, banheiro, cozinha e quintal; a estética funcional e estética aparente externa são padronizadas, o perfil das habitações é definido como “**Casa construída para um morador padrão**”. São estabelecidos os ambientes básicos (sala, quarto, banheiro e cozinha) para atender as necessidades de um morador-modelo, excluindo suas especificidades (hábitos, características culturais, composição familiar). Cada morador ao modificar a estética aparente interna, imprime nela sua personalidade e modo de vida, a disposição da mobília, as cores e objetos presentes na casa são o elo de identificação da família com o lugar onde mora.

Os hábitos de morar influenciam nas mudanças na estética aparente e funcional da arquitetura residencial? Ao habitar uma casa o indivíduo passa a fazer alterações compatíveis às atividades realizadas em seu interior? Nos três conjuntos habitacionais visitados a resposta para essas perguntas é sim. A maneira como os moradores utilizam os cômodos, dispõe os móveis e objetos resultam dos hábitos de morar dos integrantes da família. A experiência do morador com sua casa provoca reações estéticas no espaço arquitetônico, a função e a aparência dos cômodos são influenciados pela intensidade de atividades realizadas dentro da moradia. As dimensões dos ambientes, a disposição dos objetos, a aparência dos mesmos são o retrato do convívio do morador com sua habitação, que se traduz em usos e hábitos.

#### REFERÊNCIAS:

ADORNO, Theodor Wiesengrund. **Teoria estética**. Lisboa, Edições 70, 1982.

BACHELARD, Gaston (1978). **A Poética do Espaço**. 7ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BRANDÃO, Ludmila Lima. **A casa subjetiva: matérias, afectos e espaços domésticos**. São Paulo: Perspectiva, 2002.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: FFLCH, 2007.

CERTEAU Michel; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano: 2. morar, cozinhar**. Petrópolis: Artes de Fazer, 1996.

HOLANDA, Frederico de. Notas sobre a dimensão estética da arquitetura. **Revista de Urbanismo e Arquitetura**, Bahia, vol. 3, N° 1, 1990. Disponível em:  
<<http://www.portalseer.ufba.br/index.php/rua/article/view/3107/2224>> Acesso em: 1 abril 2013.

LEMOS, Carlos A. C. **História da Casa Brasileira**. São Paulo: Contexto, 1996.

NORBERG-SCHULZ, Christian. **Existencia, Espacio y Arquitectura**. Ed. Blume, España, 1975.

MALARD, Maria Lucia. **As Aparências em Arquitetura**. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

NORBERG-SCHULZ, Christian. **Existencia, Espacio y Arquitectura**. Ed. Blume, España, 1975.

PALLASMAA, Juhani. **Os Olhos da Pele: A Arquitetura dos Sentidos**. Porto alegre: Bookman, 2011.

PAREYSON, Luigi. **Os Problemas da Estética**. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

PROST, Antoine; VINCENT, Gérard (Org.). **História da Vida Privada, 5: da Primeira Guerra a nossos dias**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

PULS, Maurício. **Arquitetura e Filosofia**. 2ed. São Paulo: Annablume, 2006.

RASMUSSEN, Sten Eiler. **Arquitetura Vivenciada**. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

SCRUTON, Roger. **Estética da Arquitetura**. Edições 70: Lisboa, 2010.

TRAMONTANO, Marcelo. **Habitações, metrópoles e modos de vida: por uma reflexão sobre a habitação contemporânea**. São Paulo: Instituto dos Arquitetos do Brasil – SP, 2008. Disponível em:  
<[http://www.nomads.usp.br/site/livraria/livraria\\_artigos\\_online01.htm#nota1#nota1](http://www.nomads.usp.br/site/livraria/livraria_artigos_online01.htm#nota1#nota1)> Acesso em: 29 mar. 2012

\_\_\_\_\_. **Habitação, hábitos e habitantes: tendências contemporâneas metropolitanas**. São Paulo: Instituto dos Arquitetos do Brasil/Secretaria de Estado da Cultura, 1998.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar: A Perspectiva da Experiência**. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983.

VERÍSSIMO, Francisco Salvador; BITTAR, William Seba Mallmann. **500 Anos da Casa no Brasil: As Transformações da Arquitetura e da Utilização do Espaço de Moradia**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.